

ULISSES NOS JOELHOS OU AOS PÉS?

(Odisseia, 18, 394-395)

J. Mendes de Castro

Quem mete ombros à tradução em vernáculo das línguas clássicas breve se dá conta da sua extrema dificuldade, que resulta em grande parte da natureza sintética daqueles idiomas, em oposição ao carácter mais ou menos analítico das línguas que ora falamos. É certo que o recurso à perífrase resolve muitos problemas; mas ficamos sempre na dúvida sobre a incidência exacta do conceito básico implícito no sintagma a verter. Mesmo quando a ideia é clara, a circunstância pode continuar obscura.

Um caso típico oferece o versículo e meio do Canto 18 da Odisseia, quando Ulisses se esquiva ao golpe de Eurímaco, desviando-se para trás de Anfínomo, de modo a interpô-lo entre si e o agressor.

Diz o texto:

"... αὐτὰρ Ὀδυσσεὺς
'Αμφινόμου πρὸς γούνα καθέζετο Δουλιχιῆος"

(vv. 394-395)

Apesar do contraste entre o verbo, de natureza estática, e a preposição com a ideia de movimento, implícita em si e expressa ainda com o acusativo γούνα, em geral os tradutores não hesitaram nas suas versões. Vejamos algumas, a esmo:

"Mais Ulisses s'assit aux genoux d'Amphynomos de Doulichion, par crainte d'Eurymaque"

(M. Dufour, J. Raison, Homère, L'Odyssée, trad. introd. et notes par (...), Paris, Garnier-Flammarion, 1965, p. 267).

"Par crainte d'Eurymaque, Ulysse vint s'asseoir aux genoux d'Amphynomos..."

(V. Bérard, Odyssée, texte et trad. par (...), Paris, Les Belles Lettres, 1924).

"Ulysse alla et s'assit
aux genoux d'Amphinome
ayant crainte d'Eurymaque"

(Hachette, 1893)

"Ulysse alla s'asseoir aux genoux d'Amphinome pour éviter Eurymaque"

(da mesma, em rodapé)

"When old Ulysses, to the Knees withdrew
of Lord... Amphynomus
as if he fear'd him"

(Chapman'Homer, II The Odyssey, vv. 562-564)

"... Aber Odysseus
Barg zu Amphinomos Knie'n des Dulikhiers
eilend sich nieder,
Fürchtend Eurymachus Wurf"

(F. W. Ehrenthal, Homers Odyssee... übersetzt von (...) Leipzig, 1878)

" Ma Ulisse
s'abassava d'Anfinomo ai ginocchi
per cansarsi da Eurimaco"

Em nota: cansarsi = per evitare il golpe di

(Omero, Odissea, trad. da I. Piedmonte, annot. da E. Fabietti, Milano, Edizioni A. Barion, 1934)

"... En acabando de hablar, cogió un escabel; pero, como Ulysses, temiéndole, se sentara en las rodillas del duliquiense Anfinomo, acertó al copero en la mano derecha..."

(Homero, La Odisea, versión directa y lit. del Griego por Luis Segalá e Estalella, Barcelona, Montaner y Simón, edit. 1910, p. 254)

"Eis do cabelo ...
Subtraído o Laércio aos pés de Amphinomo
O golpe do escansão na dextra bate."

(M. Odorico Mendes, A Odisseia de Homero em verso português por (...), Livr. Leite

Ribeiro, Rio de Janeiro, 1928).

"Assim falando, d'un estrado pega
E atira. Ulysses, p'ra evitar o golpe,
Para logo se assenta nos joelhos
Do dulichiense Amphínome; e o estrado
Vai acertar na destra do copeiro"

(João Félix Pereira, Lisboa,
B.N. Cod. 8226, fls. 449).

"... Mas como Ulisses, por medo, fosse assentar-se junto dos joelhos de Antífono de Deulíquio, o escabelo feriu o copeiro no braço direito".

(Homero, Odisseia, trad. do grego, pref. e not. pelos Padres E. Dias Palmeira e M. Alves Correia, ed. revista por Dias Palmeira, Lisboa, Livr. Sá da Costa, 1972⁴, p. 267).

"... At Ulysses
Amphinomi ad genua desidebat Deulichiensis
Eurymachum veritus"

(Homeri Opera, graece et latine... II,
...Basileae, apud Em. Thurneysen, 1797).

DUAS PALAVRAS SOBRE AS VERSÕES

Das traduções portuguesas conseguimos, através de amável colaboração, identificar o códice autógrafa de João Félix Pereira, na Biblioteca Nacional, Cod. 8226, do qual Vítor Buescu transcrevera em 1964 o Canto XI da A Odysséa, in Hespéria. Conviará recordar que sendo de 1891, a de Odorico lhe é anterior este autor faleceu em 1864), não sendo, portanto, de todo exacta a notícia que o Dr. Buescu dá na "Nota preliminar" de que "as versões ... da Ilíada, da Odisseia ... são as únicas que existem em verso português".

Quanto ao valor literário e ao método que Odorico Mendes usou na sua versão, merecem leitura atenta as quatro páginas que lhe dedica Haroldo de Campos no estudo "De la traduction comme création et comme critique" em Transformer/Traduire, pp. 76-79.

Em geral as versões em línguas novi-latinas parecem querer traduzir a ideia de movimento com a preposição a correspondente ao latim ad. A versão inglesa usa naturalmente to, e a alemã zu. Na mesma linha, está a versão de Odorico Mendes, enquanto a de Dias Palmeira emprega junto de.

Toûva é para todos os tradutores os joelhos, menos para Odorico Mendes que traduz por pés.

O verbo, esse é sentar-se ou assentar-se, onde o prefixo ad devia indicar uma aproximação que o uso fez perder. Há, porém, três versões que enveredam por caminhos diferentes: a versão de

Odorico Mendes escolhe subtrair; a italiana abassare; a alemã usa também abaixar, fazendo anteceder esta ideia pelo conceito de esconder-se rapidamente: escondeu-se, abaixando-se rapidamente aos pés de Anfíno. Talvez possamos ainda notar que a versão inglesa vai também pelo mesmo conceito: desviar-se para os joelhos de Anfíno.

Resta dizer que estas três ou quatro versões assentam no significado normal dos vocábulos que formam o sintagma.

O QUE DIZEM OS DICIONARISTAS

Naturalmente, ao discutir uma versão, os dicionários ocupam lugar de relevo. Vamos ver alguns.

Começemos pelo substantivo:

Segundo Hjalmer Frisk, Etimologisches Wörterbuch, von (...), Heidelberg, ... 1960, γόνυ (κρον-ος, que justifica o plural γούνα) significa joelho e também "Glieder; Knoten an den Halmen". Para o caso, ficamos pelo joelho.

Liddel-Scott diz a propósito de γόνυ que se usa frequentemente no sentido de dobrar os joelhos em sinal de súplica ou de submissão, exemplificando com Od., 6, 310; 7, 142.147; 9, 216; 10, 481. Mais característicos os exemplos de Od., 1, 267 e 2, 401, mas que não têm nada a ver com o nosso caso. Mais pertinente uma citação de Eurípedes: πρός γόνυ πίπτειν onde aparece outro elemento do sintagma.

B. Bonazzi, Dizionario Greco-Italiano, Napoli, 1943⁹, depois de registrar ginocchio, vigore, forza, nodo, ginocchieto, cita exemplos de vários autores; mais ou menos os de Scott. Nestes exemplos, porém, nunca aparece o verbo καθέζομαι nem a preposição πρός.

Para καθέζομαι Frick propõe o significado etimológico de sitzen sich setzen...mit terminativum Präfix, no caso κατα. Mas para καθίζω propõe niedersetzen; sich niedersetzen, donde desaparece a ideia de proximidade.

Igualmente Bonazzi: καθέζομαι come il semp. ἔζομαι: siedo, me siedo, quindi demoro me acampo, intratengo, indiggio, rimango.

Para Bailly, não há dúvidas. O passo da Odisseia significa: s'asseoir aux genoux.

Πρός Em vez de consultarmos dicionários, recorreremos à gramática.

Πρός significa originariamente "em face, contra". Usa-se como prefixo verbal e absolutamente em vários casos: dativo, genitivo e acusativo.

Com acusativo, a prep. πρός exprime as mais das vezes um movimento em direcção a um lugar sobretudo a δῶμα e ἄστυ.

Também com os verbos que exprimem a ideia de "placer, appuyer contre". E aqui vem o exemplo de Od., 18, 395: Πρός γούνα καθέζετο.

(P. Chantraine, Grammaire Homérique, II, Paris, Klincksieck, 1953, § 191-196).

Ebeling: Afinal voltamos aos dicionários; mas a um dicionário próprio de Homero que nos vai servir de concordância. Observamos que a nossa passagem no grego pertence a um grupo de construções regidas das seguintes partículas: ὑπέρ, ὑπό, ἐπί, πρός. Mas da construção com πρός o único exemplo é Od., 18. 395. Significativamente, no grupo de supplicibus (3º) não aparece uma única construção com πρός.

(H. Ebeling Lexicon Homericum, Hildesheim, Georg Olms, 1963. sub voce)

O USO DOS POEMAS HOMÉRICOS

Agora sim, deixamos os dicionários para nos debruçar sobre o uso que a Iliáda e sobretudo a Odisseia fazem dos lexemas em questão. Citamos a Iliáda em numeração romana e a Odisseia em numeração árabe.

1) γόνυ pode corresponder a pés, embora expressamente só apareça com este sentido acompanhado do advérbio νέρθε na frase seguinte κεφαλαί πρόσωπά τε νέρθε τε γούνα, o equivalente ao nosso da "cabeça aos pés" (em rigor, abaixo do joelho) (Od., 20, 352).

γόνυ entra com muita frequência em expressões com sentido de súplica, e na função de complemento, mediando ou não a preposição, mas nunca πρός, dos verbos λαβεῖν Il., XXIV, 465: 6, 141-3.146-7; 10, 323-4.246; ἄπτομαι I., 500.512;

λύσσομαι ordinariamente no particípio como determinante da actuação expressa por λαβεῖν e ἄπτομαι, ou vice-versa: XVIII, 457; 7, 145.174; ἰχανῶ 3., 92; 5, 449.

O gesto de tocar os joelhos é tão significativo, que de γόνυ se formou o verbo γουννοῦμαι para designar a atitude suplicante, quer se abracem ou não os joelhos. Concludente certo passo do episódio de Nausícaa. Ulisses, hesitante entre prostrar-se aos pés da jovem princesa ou dirigir-se-lhe com palavras meigas, olhando para o seu estado, opta pela segunda alternativa, dizendo no entanto: γουννοῦμαι σε, ἄνασσα (Od., 0, 141-3.146-7.149).

2) καθέζομαι verbo de uso muito frequente nos poemas homéricos, com ou sem proposição. Neste caso geralmente a preposição πρὸς: I, 360; V, 869.906; XXIV, 100.

Em nenhum caso, porém, se diz que alguém se sentou nos joelhos de outrem. Pode alguém sentar-se num trono (Od., 5, 195): na proa dum navio (15, 285) ou no cimo dum monte (Il., VIII, 51; XI, 83), mas nunca nos joelhos de alguém. Mesmo quando uma personagem pedir, se se senta, é ao lado daquele que invoca: Il., XXIV, 100.

Há, é certo, um lugar em que alguém se senta nos joelhos dou-trem, ou melhor, é Euricleia que senta o recém-nascido Ulisses nos joelhos do avô Autólico, num gesto ritual de consabida significação de reconhecimento. Mas o verbo é τιθημι e a preposição é ἐπί (Od., 19, 400). Ainda uma construção semelhante

em 21, 55, onde inclusivamente aparece o participio ἐζομένῃ, mas referido a Penélope que, sentada, apoia em seus joelhos o arco de seu marido.

O único caso em que aparece o sintagma completo é, como dissemos, em Od., 18, 395. E dos dicionários que consultámos, só o transcrevem e traduzem: Bailly, Dict.Gr.-Franc., ed. rev. par L. Chantraine, Paris, Hachette, 1950, sub voce "... s'asseoir aux genoux de quelqu'un (en suppliant)"; mais parcimoniosamente, Ebbeling que nos serviu de concordância "ad genua se applicans".

O CONTEXTO

Ulisses aparece no seu palácio de Ítaca disfarçado de mendigo, com a intenção de estudar o carácter dos pretendentes e o comportamento dos servos e servas, a fim de poder gizar eficazmente o seu plano de vingança. Tudo combinado com o filho: Od., 16, 274 e sgs.. Ulisses receberá injúrias consecutivas, a começar pelo cabriteiro Melanteu, que pontapeia o amo e prognostica os golpes com escabelos da parte dos pretendentes (17, 217 e sgs.).

O próprio Telémaco aconselha Ulisses a mendigar de mesa em mesa como um necessitado que não deve ter acanhamento (17, 345-6). A ordem é repetida por Eumeu (17, 350-3) e depois por Atena (17, 360-3).

Ulisses começou a pedir da esquerda para a direita (17, 305). Primeiro dirige-se a Antínoo, que, dando mostra de repugnante avareza - recusa o pão que come da mesa alheia - atinge com o escabelo dos pés o ombro direito de Ulisses, o qual recebe o golpe sem pestanejar. Apenas um aceno de cabeça trairá o propósito de vingança, que Telémaco confirma de maneira sóbria mas convincente (17, 463-465.489-491).

A cena de pugilato com Iro, despachado por Ulisses com grande facilidade e presteza, poderia ter comprometido os planos de Ulisses que, avisadamente, soube moderar os golpes (18, 90-4).

Recebendo as felicitações de Anfínomo, a quem aconselha o regresso a casa, Ulisses será insultado por Melanteu, que prepara também a intervenção de Eurímaco (18, 320-325). Era aliás vontade de Atena que os insultos e agravos continuassem, para que a raiva do "peregrino" atingisse o paroxismo (18, 346-8). E foi a vez de Eurímaco chacotear o mendigo, a quem propõe, sarcasticamente, trabalho nas suas propriedades. Ulisses responde com um duplo desafio e vai ferir ao vivo a vaidade inchada do pretendente que por desforço, procurou atingi-lo com o escabelo, tal como o fizera Antínoo. Desta feita, porém, Ulisses furtou-se ao golpe. Porquê?

Primeiro, porque estava muito perto e podia ser gravemente atingido na cabeça, que era o alvo do agressor (18, 355). Segundo, porque uma nova atitude de estóica indiferença poderia comprometer de vez o seu anonimato.

Como o fez?

Vamos imaginar que Ulisses estava um pouco atrás e à esquerda de Antínoo. Por isso é que o banco atinge o escanção no braço direito. Para se esquivar ao golpe, Ulisses cobriu-se com a

protecção da mesa, atirando-se aos pés de Anfínomo, operação relativamente fácil, se admitirmos mesas individuais para os alegres convivas do mégaron de Ítaca.

Tê-lo-ia feito em sinal de pedido de protecção?

O bom feitio de Anfínomo parece militar a favor de tal hipótese. Ele era o mais razoável dos pretendentes, as suas intervenções primavam pela moderação e os seus bons sentimentos agradavam inclusive a Penélope (16, 397-8). Ulisses apreciou a sua afabilidade e declarou-a digna dos antepassados (18, 125 e sgs.). Neste sentido parece inclinar-se Eustátio nos seus Escólios. Com efeito, depois de recordar o gesto de Antínoo idêntico ao de Eurímaco, sublinha a bondade de Anfínomo ὡς ἀγαθοῖς φρεσὶ .. **μεμαρτύρεται**.

(Cito uma velha edição existente na Biblioteca Nacional).

E até pode acontecer que Anfínomo assim o tenha pensado. As palavras sensatas que pronunciou a seguir ao incidente tê-las-ia dito, porém, mesmo se não se sentira solicitado. Poderia, é certo, perguntar-se se o mendigo teria procurado o "abrigo" doutro pretendente, se acaso lhe estivera próximo. Não sei; mas o que sei é que o gesto de Ulisses não se pode considerar o ponto mais baixo das suas humilhações, que vão continuar ainda (20, 284-286; 299-302). E se o uso dos lexemas não autoriza que digamos que Ulisses se sentou nos joelhos de Anfínomo, também não parece sufragar a hipótese de que, na iminência de grave perigo, mendigasse a protecção do bondoso comensal. Interpô-lo entre si e o agressor, porque sabia que ele era bom. De mais não precisava.

Seja-nos permitido argumentar com uma construção quase idêntica em Tucídides, III, 70, 5: **πρὸς τὰ ἱερά ἰκετῶν καθέζομενων** que a edição da Les Belles Lettres traduz: "ils se réfugièrent dans les sanctuaires pour obtenir...". Não destoia a de Loeb: "thy ... took refuge at the temples as suppliants...". Nesta frase, a presença de **ἰκετῶν** mostra bem que, mesmo onde a natureza do lugar **ἱερά** falava por si, foi preciso juntar algo à expressão para designar um acto de súplica.

COMO TRADUZIR ENTÃO?

Devemos dizer, em abono da verdade, que nos agrada a tradução alemã, a de Ebeling e talvez mais ainda a de Odorico Mendes. Mas para dizermos da nossa justiça, prosaicamente e explicitando o sentido incluso em todos os elementos do sintagma, aventuramos a seguinte versão:

Ulisses, abaixou-se, encostando-se aos joelhos de Anfínomo.

É uma versão deslavada que resulta não propriamente do facto de "que um Homero só outro Homero o poderia traduzir", no dizer de V. Hugo (citado por C. Malpique, no cap. "traduzir", do livro Como se faz um escritor, p. 205), mas do propósito de meter na tradução uma interpretação, como a entende J. Cermák (cfr. "La

traduction du point de vue de l'interprétation" em The Nature of Translation, ed. by J. S. Holmes, Bratislava, Academy of Sciences, 1970, pp. 26-27).

Na intenção de manter a fidelidade requerida numa tradução funcional, procurámos expressar o que um autor português diria nas circunstâncias em que via Ulisses (cfr. Y. R. Chao, Language and Symbolic Systems, Cambridge, U. Press, 1970, pp. 152-153).

Fica bem claro ao menos que refugiar-se aos pés de alguém não é sentar-se-lhe nos joelhos, como Hílas nos das ninfas, ἐπι γούνασι naturalmente. (Teócrito, em Bucoliques Grècques, I, Paris, Les Belles Lettres, 1967, p. 90, v. 53).

Console-nos da falta de jeito da frase o bom humor de O. y Gasset, quando nos afiança que a tradução é uma utopia (cfr. "Misèria y esplendor de la traducción" em Mission del Bibliotecario ... Madrid, 2ª ed. s/d, pp. 105 e sgs). Que seja ao menos uma utopia das boas, como a "tentativa" do Prof. Lourenço de Carvalho ao reivindicar para a sua diligente "fiandeira" o epíteto de "estrénua" (Euphrosyne, Lisboa, 1980 pp. 77-80), o qual a nossa tarefa, modéstia à parte, queria merecer também.

★ ★ ★

★